

Alessandro Baricco

Seda

Tradução de Sara Ludovico



AINDA QUE O PAI LHE TIVESSE IDEALIZADO um brilhante futuro no Exército, Hervé Joncour acabaria por ganhar a vida com um ofício insólito, ao qual não era estranho, por uma singular ironia, uma certa amabilidade no trato, a ponto de deixar subentender uma vaga inclinação *feminina*.

Para viver, Hervé Joncour comprava e vendia bichos-da-seda.

Corria o ano de 1861. Flaubert escrevia *Salammbô*, a iluminação elétrica era ainda uma hipótese remota e Abraham Lincoln, do outro lado do oceano, lutava numa guerra da qual nunca acabaria por ver o fim.

Hervé Joncour tinha 32 anos.

Comprava e vendia.

Bichos-da-seda.

EM RIGOR, HERVÉ JONCOUR COMPRAVA E VENDIA os bichos-da-seda quando a sua essência de bicho se definia ainda no serem minúsculos ovos, de cor amarela ou cinzenta, estáticos e aparentemente mortos. Na palma de uma só mão era possível segurar milhares destes ovos.

«É a isto que se chama ter uma fortuna nas mãos.»

Nos primeiros dias de maio, os ovos começavam a eclodir, libertando uma larva que, depois de trinta dias de uma alimentação desenfreada à base de folhas de amoreira, construía um casulo onde se voltava a enclausurar, para depois se evadir definitivamente duas semanas mais tarde, deixando-lhe às costas um património que perfazia, em seda, mil metros de fio cru e, em dinheiro, uma considerável quantia de francos franceses; isto partindo do princípio que se respeitavam todas as regras e, tal como no caso de Hervé Joncour, numa determinada região no Sul de França.

Lavilledieu era o nome da vila onde Hervé Joncour vivia.

Hélène era o nome de sua mulher.

Não tinham filhos.

PARA EVITAR OS PREJUÍZOS INFLIGIDOS PELAS EPIDEMIAS que cada vez mais atacavam as criações europeias, Hervé Joncour via-se obrigado a comprar os ovos dos bichos para lá do Mediterrâneo, na Síria ou no Egito. Nisto consistia a parte mais agradavelmente aventureira do seu ofício. Todos os anos, nos primeiros dias de janeiro, partia. Atravessava mil e seiscentas milhas de mar e oitocentos quilómetros de terra. Escolhia os ovos, negociava o preço, comprava-os. Depois era tempo de regressar, atravessava oitocentos quilómetros de terra e mil e seiscentas milhas de mar e voltava a Lavilledieu, em regra no primeiro domingo de abril, em regra a tempo da grande missa.

Trabalhava ainda mais duas semanas para preparar os ovos e depois vendê-los.

Durante o resto do ano, descansava.

— COMO É QUE É A ÁFRICA? — perguntavam-lhe.

— Cansada.

Tinha uma grande casa logo à saída da vila e um pequeno laboratório, no centro, mesmo em frente à casa abandonada de Jean Berbeck.

Jean Berbeck decidira um dia que nunca mais iria falar. Manteve a sua promessa. A mulher e as duas filhas abandonaram-no. Ele morreu. Ninguém quis a sua casa e, por isso, era agora uma casa abandonada.

Com a compra e a venda de bichos-da-seda, Hervé Joncour ganhava todos os anos um montante suficiente para assegurar à família certas comodidades que, na província, normalmente se consideravam luxos. Desfrutava com discrição dos seus pertences e a perspectiva, verosímil, de se tornar um dia de veras rico deixava-o totalmente indiferente. Era, aliás, um daqueles homens que gostavam de *assistir* à própria vida, considerando imprópria qualquer ambição para a *viver*.

Alguém terá reparado que este tipo de pessoas observa o seu próprio destino da mesma forma que todas outras pessoas observam um dia de chuva.

SE ALGUÉM PORVENTURA TAL LHE TIVESSE PERGUNTADO, Hervé Joncour teria respondido que a sua vida iria continuar assim para sempre. Todavia, no começo dos anos 60, a epidemia de pebrina, que já inutilizara os ovos de outras criações europeias, espalhou-se além-mar, alcançando a África e, de acordo com alguns relatos, até mesmo a Índia. Hervé Joncour regressou da sua habitual viagem, em 1861, com uma remessa de ovos que se revelou, dois meses depois, na sua quase totalidade, infetada. Para Lavilledieu, como para tantas outras localidades cuja riqueza assentava na produção de seda, aquele ano representou como que o início do fim. A ciência mostrava-se incapaz de compreender as causas das epidemias. E todo o mundo, até nas suas regiões mais remotas, parecia prisioneiro daquele sortilégio sem explicações.

— *Quase* todo o mundo — disse baixinho Baldabiou. — *Quase* — deitando dois dedos de água no seu *Pernod*.

BALDABIOU FORA O HOMEM QUE, VINTE ANOS ANTES, entrara na vila, se dirigira com determinação ao gabinete do presidente da câmara municipal, entrara sem se fazer anunciar, depositara em cima da secretária deste um lenço de seda cor de ocaso e perguntara:

— Sabe o que é isto?

— Coisas de mulheres.

— Errado. Coisas de homens: dinheiro.

O presidente da câmara ordenou que o homem fosse expulso. Então, o homem construiu uma fiação, junto do rio, um barracão destinado à criação de bichos-da-seda, nas imediações do bosque, e uma capelinha dedicada a Santa Inês, no cruzamento da estrada para Vivier. Contratou de seguida cerca de trinta trabalhadores, mandou vir de Itália uma misteriosa máquina de madeira, toda ela feita de rodas e engrenagens, e nada mais disse durante sete meses. Depois disto, regressou ao gabinete do presidente da câmara municipal, depositando-lhe no tampo da secretária, muito bem alinhados, trinta mil francos em notas de grandes dimensões.

— Sabe o que é isto?

— Dinheiro.

— Errado. É a prova de que o senhor é um imbecil.

Depois voltou a pegar nas notas, enfiou-as na mala e encaminhou-se para a saída.

O presidente da câmara deteve-o.

— Mas que diabo quer que eu faça?

— Nada e será o presidente da câmara municipal de uma vila próspera.

Cinco anos mais tarde, Lavilledieu tinha sete fiações e tornara-se num dos principais centros de criação de bichos-da-seda e de fiação de seda na Europa. Nem todas eram propriedade de Baldabiou. Outros notáveis da vila e latifundiários da zona seguiram-no naquela curiosa aventura empresarial. A cada um deles, Baldabiou revelara, sem hesitações, os segredos do ofício. Isto até lhe agradava mais do que fazer dinheiro a rodos. Ensinar. E ter segredos para contar. Era esta a sua natureza.

BALDABIOU ERA TAMBÉM O HOMEM QUE, OITO ANOS ANTES, mudara a vida de Hervé Joncour. Aqueles eram os tempos em que as primeiras epidemias haviam começado a atacar a produção europeia de ovos de bichos-da-seda. Sem perder a compostura, Baldabiou estudara a situação e chegara à conclusão de que o problema não deveria ser resolvido, mas sim contornado. Tinha uma ideia, faltava-lhe apenas o homem certo. Percebera que o havia encontrado assim que viu Hervé Joncour passar diante do café de Verdun, envergando elegantemente o uniforme de alferes de infantaria e orgulhoso na sua passada de militar de licença. Tinha, então, 24 anos. Baldabiou convidou-o para ir a sua casa, escancarou-lhe diante dos olhos um atlas cheio de nomes exóticos e disse-lhe:

— Parabéns. Finalmente encontrei um trabalho a sério, meu rapaz.

Hervé Joncour ali ficou, a ouvir toda aquela história em volta de bichos-da-seda, de ovos, de pirâmides e de viagens marítimas. Depois disse:

— Não posso.

— Porquê?

— Daqui a dois dias acaba a minha licença, tenho de regressar a Paris.

— Carreira militar?

— Sim. Assim decidi meu pai.

— Não faz mal.

Agarrou em Hervé Joncour e levou-o à presença do seu próprio pai.

— Sabe quem é este? — perguntou-lhe, depois de entrar no gabinete sem se fazer anunciar.

— O meu filho.

— Olhe bem para ele.

O presidente da câmara municipal recostou-se no encosto do seu cadeirão em pele, começando a exsudar.

— O meu filho Hervé, que daqui a dois dias regressará a Paris, onde o espera uma brilhante carreira no nosso exército, se Deus e Santa Inês assim o quiserem.

— Exatamente. Mas Deus está ocupado com outros assuntos e Santa Inês detesta militares.

Um mês depois, Hervé Joncour partiu para o Egito. Viajou num navio chamado *Adel*. Nas cabinas da embarcação sentia-se o cheiro da cozinha, a bordo havia um inglês que afirmava ter combatido em Waterloo, na noite do terceiro dia viram golfinhos a reluzir no horizonte, como ondas embriagadas, no jogo da roleta saía sempre o número dezasseis.

Regressou passados dois meses — no primeiro domingo de abril, a tempo para a missa grande — com milhares de ovos bem resguardados, no meio do algodão em rama, no interior de duas grandes caixas de madeira. Tinha milhentas coisas para contar. Mas a única coisa que Baldabiu lhe perguntou, assim que ficaram a sós, foi:

— Fala-me dos golfinhos.

— Dos golfinhos?

— Conta-me quando os viste.

Assim era Baldabiou.

Ninguém sabia ao certo quantos anos tinha.